



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Aportes históricos, hermenêuticos e epistemológicos às teologias feministas

Historical, hermeneutical and epistemological contributions to Feminist Theologies

Vicente Gregório de Sousa Filho*

Resumo

O texto apresenta o processo de construção das teologias feministas atrelando-as aos movimentos feministas e aos estudos de gênero enquanto categoria analítica para compreensão das hierarquias e relações de poder, numa perspectiva da desconstrução e desnaturalização das instâncias cristalizadas no interior das relações sociais e familiares, perpetuadas através das tradições culturais. O objetivo d este trabalho bibliográfico é rememorar mulheres e acontecimentos eclesiais que foram decisivos para retirar as mulheres de sua invisibilidade e inseri-las nos processos decisórios nas lutas sociais, sob a perspectiva da sua capacidade de refletir, suspeitar e construir hermenêuticas e pensamentos teológicos mediadoras de sua emancipação.

Palavras-chave

Gênero. Hermenêutica da suspeita. Teologias feministas.

Abstract

The paper presents the construction process of feminist theologies tying them to the feminist movement and gender studies as an analytical category for understanding the hierarchies and power relations. It looks into the perspective of deconstruction and denaturalization of crystallized bodies in social and family relations perpetrated through cultural traditions. The aim of this bibliographic work is to recall women and ecclesial events that were decisive to remove women from their invisibility and insert them in decision processes, in social struggles, under the perspective of women's ability to reflect, suspect and build hermeneutical and theological thoughts capable for mediating their emancipation.

[Texto recebido em dezembro de 2014 e aceito em maio de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

O artigo é parte integrante da Tese em construção do mesmo autor, cujo título provisório é: Sexualidade e relações de gênero entre adolescentes da escola pública, sob orientação da Prof^a Dr^a Gisela Streck, na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

* Licenciado em Filosofia (UECE), Licenciado em Pedagogia (FAERPPI), Bacharel, mestre e doutorando em Teologia (EST). Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: vicente6@bol.com.br

Keywords

Gender. Hermeneutics of suspicion. Feminist theologies.

Considerações Iniciais

Teologia e história, crenças e ideologias são realidades que não devem andar dicotomizadas e assim, iniciamos uma viagem em busca de entender o surgimento da teologia feminista, que não está dissociada das grandes lutas sociais que as mulheres vêm travando desde o século XIX em busca de reconhecimento de sua dignidade e de seu protagonismo, vez que durante séculos viveram silenciadas, invisibilizadas pela ideologia patriarcal e todas as suas formas de opressão: no lar, na sociedade e nas igrejas. Muito embora, a presença das mulheres no interior das igrejas seja uma maioria, ainda são pouco reconhecidas nas instâncias deliberativas. Para o trabalho são sempre solicitadas e até se adiantam para servir. Todavia, essa participação vai sendo minimizada, quando se trata de tomada de decisões. Isso porque a estrutura da sociedade e das igrejas cristãs sempre foi patriarcal.

A Teologia Feminista emerge como uma “outra voz” no interior de um campo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. Nesse sentido, a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres.¹

Foram os homens com sua força física e brutal que violentaram simbolicamente e ou até mesmo fisicamente as expressões femininas, talvez temendo sua criatividade e formas diferentes de conduzir e pastorear nas igrejas? O interesse precípua desta investigação teórica e bibliográfica se ancora na possibilidade de garimpar algumas fontes históricas, hermenêuticas e epistemológicas que estiveram presentes na composição do que hoje solidamente chamamos de teologia feminista, já que se trata de uma área do conhecimento consolidada,² ou ainda teologias feministas, visto que se trata de períodos históricos diferentes, lutas diversas e postulações singulares em cada circunstância estudada. Destarte,

¹ FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever*, Ano 11, No 01, Jan./Jun. 2011. p. 140.

² STEFFEN, Luciana. A teologia feminista desconstruindo as desigualdades de gênero ainda presentes. *Anais do Congresso estadual de Teologia*. São Leopoldo: EST, v.1, 2013. p. 50.

Teologia feminista é o esforço para repensar as religiões e a teologia a partir de um referencial não patriarcal. O advento da teologia feminista se deu quando a dimensão sexual dos comportamentos, as questões relativas à demografia, à sexualidade e à limitação da natalidade começaram a encontrar sérias barreiras provindas das igrejas cristãs e, particularmente, da Igreja Católica Romana. A teologia feminista é um movimento de contracultura no interior mesmo da cultura religiosa vigente.³

Pela reflexão da autora, percebe-se que as teologias feministas têm dificuldade de se tornarem institucionalizadas em virtude de se desenvolverem à margem das instâncias hierárquicas e até mesmo porque representam uma força questionadora de seu status quo. Seja como for, sinalizam possibilidade outras e fazem eco à luta das mulheres por serem ouvidas e libertas das submissões a elas impostas ao longo da história eclesial.

A Teologia Feminista insere-se num mais amplo e histórico movimento de articulação e organização de lutas por libertação de mulheres. Luta-se contra sistemas patriarcais de opressão, que se situam em âmbito político, cultural, eclesiástico, econômico, sindical... e que se expressam e são vivenciados no cotidiano de nossas vidas. Isso se reflete nas lutas por direitos trabalhistas, de planejamento familiar, de acesso à saúde, ao trabalho, à educação. [...] Questionando e lutando contra estruturas de dominação, objetivam a construção de novas relações em todos os níveis. Esses movimentos, e também a Teologia Feminista, querem a libertação de mulheres das estruturas de opressão, incluindo crianças e outras minorias qualitativas, sem excluir a participação de homens nesse processo crítico-construtiva⁴.

É de incomensurável importância a visão da autora ao incluir nas lutas feministas a presença também de homens, que se sensibilizam e se insurgem contra as injustiças praticadas ao longo dos séculos contra a mulheres. Assim, inferimos que as atividades articuladas e executadas pelas teologias feministas não se inserem na perspectiva de engendrar uma guerra entre os sexos. Pelo exposto, percebemos que os homens de boa vontade e abertos às causas que mobilizam tais teologias serão sempre bem-vindos para somar forças nas lutas e conquistas em prol da dignidade feminina. Neste sentido, o que se almeja é que tais teologias sejam teologias construídas pelas próprias mulheres e não uma teologia da mulher com arcabouço masculino, pensada e estruturada por clérigos como ocorreu em 1954, quando um grupo de teólogos e clérigos católicos propôs um projeto de uma teologia da mulher, em comemoração ao centenário do dogma da Imaculada

³ GEBARA, Ivone apud ZEKZANDER, Claudio. *Teologia feminista: um outro olhar sobre a religião*. Disponível em: <<http://zekzander.blogspot.com.br/2011/05/teologia-feminista-um-outro-olhar-sobre.html>> Acesso em: 13 jul. 2014.

⁴ REIMER, Ivoni R. *Grava-me como selo sobre teu coração* – Teologia Bíblica Feminista. São Paulo. Paulinas. 2005. p.17.

Conceição⁵. Tal proposta redundou em esquemas obsoletos, patriarcais e androcêntricos, visto que era uma teologia para mulheres ainda pensada por homens. Nesse sentido, Fiorenza pontua que “o afastamento das mulheres da liderança e da teologia no espaço eclesial foi realizado por meio da domesticação da mulher sob autoridade masculina.”⁶ Todavia, as teologias feministas deverão ser teologias inclusivas e pautadas na integralidade⁷ sem excluir as preocupações de uma libertação da pessoa humana e das situações que vilipendiam a sociedade. Neste sentido, as teologias feministas são teologias de mulheres cristãs que criticamente refletem sua condição histórica de submissão e se propõem a avançar em busca da liberdade e, portanto, não pretendem refugiar-se em unilateralidades e exclusivismos, antes entendem que a teologia feita apenas por homens é incompleta e assim, se configuram como um importante aporte na construção de uma ciência teológica mais abarcadora e totalizante, a saber: a teologia da integralidade.⁸ “Mudanças são percebidas nas relações entre mulheres e homens na família no trabalho e no meio acadêmico, mudanças estruturais permitiram as mulheres encontrarem seu lugar, nas ciências teológicas e na práxis eclesial [...]”⁹

Essas mudanças vão sendo protagonizadas ao longo de anos e de lutas, mas se cristalizaram através de um perfil de uma nova mulher e de um novo homem na sociedade e suas respectivas relações. Assim, não se admite mais enclausurar no âmbito privado mulheres submissas, sem autonomia e sem voz, ao passo que também os próprios homens vão percebendo, mesmo que seja por uma questão de parcimônia, o quanto é dignificante ver suas respectivas esposas atuando no âmbito público e dividindo com eles a tarefa de provedoras dos lares.

Gênero enquanto categoria analítica das relações de poder

No título deste trabalho, já é tangível a preocupação em apresentar uma realidade plural no que concerne a esta temática. Isso se justifica pela razão de que as mulheres ao longo dos tempos passaram por situações de opressões e invisibilidade as mais distintas, sem esquecer que as lutas são diferentes porque uma é a causa das mulheres camponesas, outras são as lutas das negras, indígenas, evangélicas, católicas, eruditas, empregadas

⁵ RODRIGUES, Ana Livia Vieira. *Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica - (1978-2005)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2007. p. 60.

⁶ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 9.

⁷ KROB, Daniéli Busanello. No meu corpo e no corpo de Cristo. Teologia feminista para uma vida digna dentro do lar. *Anais do Congresso internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, vol.1, 2012. p. 1430.

⁸ SOUZA FILHO, Augusto Bello de. *A teologia feminista*. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>> Acesso em: 14 jul. 2014.

⁹ FERREIRA, Benedita Aguiar; MAGALHÃES NETO, José Vaz. Teologia feminista e os discursos de resistência ao poder hierárquico. *Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010. p. 3.

domésticas e desempregadas. No entanto, todas elas congregam uma intersecção: a conquista de maior espaço e respeito nas tomadas de decisão em ambiente eclesial e a mudança de concepções já arraigadas na forma de ler e interpretar os textos sagrados nas religiões, quase sempre androcêntricos, patriarcais e sexistas¹⁰.

Penso que no centro da reflexão das teologias feministas está uma intencionalidade de base que se expressa na afirmação da dignidade feminina através de múltiplas formas. Essas teologias são marcadas pelos contextos diferentes em que nascem e por algumas problemáticas diferentes, dependendo do objetivo imediato perseguido. Costumo chamar esses objetivos específicos ou imediatos de intencionalidades específicas, visto que partem da preocupação de grupos específicos como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo, empregadas domésticas, etc. É a partir daí que se pode falar das diferentes teologias feministas. Nem sempre essas teologias são escritas, mas elas se expressam na vida cotidiana e nos múltiplos encontros de mulheres¹¹.

As teorias feministas e por extensão as teologias feministas fazem uso da categoria gênero com vistas a analisar as relações entre as pessoas. São relações entre mulheres e mulheres, mulheres e homens e homens e homens. A categoria gênero entendida desde Scott¹² vem fazer extrapolar a visão míope de que a humanidade em sua concepção estaria limitada a uma questão meramente biológica para expandir o entendimento de que ser mulher e ser homem passa por uma construção histórica, cultural, religiosa e pelas expectativas inerentes a cada sociedade e período histórico. Deste modo, o biológico se restringe ao sexo, à natureza. O gênero, todavia, é refém da cultura e, portanto, é processual e dinâmico.

Na visão de Eggert¹³, bebida na fonte de Ivone Gebara, a categoria gênero é suporte hermenêutico para auxiliar na desnaturalização e desconstrução desta ênfase biológica e também para ampliar a visão de que as relações entre as pessoas estão sempre permeadas de poderes e hierarquias, sendo que uns são considerados poderosos e outras deverão ser submissas na sociedade, no lar e nas estruturas eclesiais. Se um primeiro passo é dado, à luz desta conscientização, o passo ulterior deverá ser o de reunir força e métodos eficazes para iniciar o processo de desconstrução de tais argumentos estereotipados e arraigados entre as pessoas conservadoras e tradicionalistas.

¹⁰ TABORDA, Francisco. Feminismo e teologia feminista no primeiro mundo. *Perspectiva teológica*, 22 (1990), p. 314.

¹¹ ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006. p. 298.

¹² SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. p. 72.

¹³ PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência de mulheres. In: EGGERT, Edla. (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 16.

A historiadora italiana Rita Torti, autora da obra: *Mamãe, por que Deus é homem?* acentua que a Igreja católica atualmente vem declarando guerra contra o que ela própria intitulou a ideologia de gênero, tendo como principal argumento a tradicional recorrência à natureza. Contudo, na sua postulação, a autora afirma que a diferença entre os sexos é evidente, porém não determina “a priori características psicológicas, espirituais e de caráter; e que papéis e funções são originados a partir de interpretações socioculturais do dado físico, que têm laços estreitos com o âmbito do poder e a dimensão religiosa”.¹⁴ A propósito, por que as instâncias conservadoras no interior das igrejas não são capazes de perceber que o patriarcalismo, o androcentrismo e o sexismo não seriam, por sua vez, outras formas de ideologias?

Considerações históricas: Teologias com cabeça e mãos femininas

As teologias feministas, como já aludimos, se constroem concomitantemente aos movimentos feministas e suas lutas sociais na medida em que também plasmam uma nova visão de masculinidade e feminilidade e suas respectivas mudanças atitudinais no interior da sociedade, dos lares e das igrejas. Uma nova consciência se instaura ao ponto de fazer efervescer questionamentos sobre quem é Deus, como se estruturaram as hierarquias eclesiais e até mesmo com que ótica os livros sagrados foram concebidos. As premissas óbvias e já cristalizadas que puseram o homem como ser de privilégio e de poder não poderão levar avante a conclusão de que as mulheres deveriam silenciar e ocultar-se passivamente aceitando ser esta a vontade de Deus. Mas que Deus? Um Deus percebido e divulgado pela cultura patriarcal, sexista e androcêntrica.

Por uma questão de justiça, devemos rememorar o trabalho intelectual daquela que pode ser considerada a primeira teóloga das Américas. Refiro-me à Sórora Juana Inês de la Cruz¹⁵, mexicana, que viveu de 1651 a 1695. O que dela se sabe é que foi uma religiosa, desde criança muito interessada nas questões intelectuais, mulher das letras e de coragem. Apaixonada pelo conhecimento, Juana contava em seus aposentos com um acervo de 4000 obras. Escreveu abundantemente e recebeu o reconhecimento dos intelectuais, tendo passado por exame diante de 40 doutores para testar seus conhecimentos e saiu-se bem em tudo. No entanto, quando Juana passa a demonstrar suas críticas teológicas aos sermões de um Jesuíta, Pe. Antonio Vieira, o bispo de Puebla pede a ela que se ocupe de outras coisas, continuando suas reflexões. Juana foi silenciada e

¹⁴ TORTI, Rita. *Entre a teologia da mulher e a ideologia de gênero*. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528327-entre-teologia-da-mulher-e-ideologia-de-genero-artigo-de-rita-torti>> Acesso em: 15 jul. 2014.

RODRIGUES, Ana Livia Vieira. *Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica – (1978-2005)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2007. p. 60.

¹⁵ RODRIGUES, 2007, p. 59.

obrigada a renunciar aos estudos e à biblioteca, passando as noites em penitências e sacrifícios. Para ela, isso foi por demais violento.

Por não se conformar com a prisão doméstica e com o impedimento de busca de conhecimento a que as mulheres eram impostas, sob a alegação de cumprirem a vontade de Deus, tornou-se poetisa, literata e astrônoma. Seus textos, por serem considerados *atrevidos*, foram queimados pela Inquisição e ela foi forçada a assumir a culpa de não seguir os caminhos que a Igreja lhe indicara, na fidelidade ao seu ser feminino. Morreu dois anos após ter sido condenada a prestar trabalhos domésticos forçados no Convento de São Jerônimo¹⁶.

No âmbito presbiteriano devemos citar o trabalho de Elisabeth Cady Stanton, que em 1890, em sociedade com suas companheiras criaram a *Bíblia da Mulher*, considerada o marco da teologia feminista cristã. A tarefa realizada por elas foi a de reinterpretar e modificar as tradições consideradas patriarcais e antifeministas da Bíblia, o que causou escândalo no meio eclesial. Na percepção de Souza Filho, “a realização deste vasto projeto de revisão e reinterpretação da Bíblia por parte de um grupo de mulheres é o primeiro sinal marcante de uma nova consciência da mulher, que amadureceu também no interior de comunidades cristãs”¹⁷. Ainda em solo protestante é importante registrar que durante 1956 a 1965 muitas igrejas passaram a admitir ao ministério ordenado mulheres com iguais poderes e prerrogativas masculinas.

Em 1911, na Grã-Bretanha, se consolida a *Aliança internacional Joana D’Arc*¹⁸, com o objetivo de assegurar a igualdade de direitos entre homens e mulheres em todas as esferas sociais e eclesiais. Este é considerado um dos primeiros movimentos no interior do catolicismo. Seu lema era: *Pedi a Deus: Ela vos ouvirá*. O uso do feminino aparentemente impactante pretendia chamar a atenção para o fato de que Deus não é nem masculino e nem feminino, embora linguisticamente houvesse a predominância do masculino nas Sagradas Escrituras.

Na ocasião do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, pelo Papa João XXIII e encerrado em 1965, pelo Papa Paulo VI, um grupo de mulheres liderada por Gertrudes Heizelman enfrentou os padres conciliares com o seguinte lema: *Não estamos mais dispostas a calar*. Elas reivindicavam o direito ao sacerdócio ministerial e até questionavam a validade do batismo, vez que às mulheres sempre lhes subtraía algo em relação aos homens que poderiam receber a totalidade dos sacramentos e as mulheres, por sua vez, sempre estariam em desvantagem¹⁹.

¹⁶ KROB, 2012, p.1431-1432.

¹⁷ SOUZA FILHO, 2014, p.1.

¹⁸ TABORDA, 1990, p.329.

¹⁹ SOUZA FILHO, 2014, p.2.

Na esteira do pensamento de Simone de Beauvoir, que dedicou uma reflexão em sua obra *O segundo Sexo*, sobre as contribuições do cristianismo para a submissão feminina, Mary Daly publicou, em 1968, a obra *Igreja e o segundo sexo*. A proposta seria as mulheres construírem um mundo lésbico em contraposição ao mundo patriarcal, acentuando e elevando em superioridade as mulheres, ao ponto de apresentar algumas características como espiritualidade, sensibilidade e intuição a elas inerentes como algo essencial e peculiar ao cosmos feminino²⁰. Essas colocações poderão catalogar a teologia de Mary Daly como uma modalidade de Teologia feminista radical. Ademais, as críticas a ela direcionadas se centram na percepção de que o que ela objetivou redundou numa simples mudança de polo. Antes o homem estaria num patamar de superioridade e hoje tal papel pertenceria à mulher.

No que tange à teologia feminista latino-americana, Krob²¹ acentua que sua história foi impulsionada em grande parte pela ASETT, a saber, a *Associação ecumênica de teólogos do terceiro mundo*, que em 1979, no México, realizou o encontro inicial com mulheres, à luz da temática: *Mulher latino-americana, Igreja e teologia*. Em seguida, em 1985, na cidade de Buenos Aires ocorreu o encontro de ampliação, cujo tema foi *Encontro latino-americano de teologia desde a perspectiva da mulher*. Em 1986, novamente no México, ocorreu o encontro de enlace com a presença de mulheres teólogas da Ásia, África e América latina, cuja temática foi *Fazer teologia desde a perspectiva das mulheres do terceiro mundo*. No ano de 1993, no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro aconteceu o encontro de consolidação e avanço com a temática: *Espiritualidade pela vida: mulheres contra a violência*. Esses marcos históricos no que diz respeito à articulação grupal das mulheres na América latina foram importantes para refletir a necessidade de a Teologia da Libertação incluir também em seu bojo a libertação das mulheres, bem como para conscientizar as mulheres quanto à sua submissão ao masculino para além de uma vitimização e embora constatando a violência inclusive doméstica, protagonizar sua história nos âmbitos eclesiais, pastoral e epistemológico, à medida em que as mulheres vão construindo *sui generis* a forma de interpretar as Escrituras e de fazer teologia.

Desde o final dos anos 80, a metodologia da Teologia da Libertação de teologizar a partir da práxis histórica e fazendo uma opção pelos pobres, tem inspirado várias teólogas do hemisfério norte, como Elisabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether, Rita Nakashima Brock, Mary Hunt e muitas outras, com uma novidade: elas utilizam também o método da desconstrução das ideologias patriarcais. Este método tem sido muito importante para mostrar que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o

²⁰ RODRIGUES, 2007, p. 63.

²¹ KROB, 2012, p. 1435

poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar²².

Compartilha desse entendimento Ruether²³ quando chega a discorrer sobre mais um tipo de idolatria e talvez uma das mais graves, a idolatria patriarcal que afirma e transforma o homem em mais semelhante a Deus do que as mulheres. Segundo a autora é uma blasfêmia apoiar-se no sagrado para justificar a submissão, a injustiça contra as mulheres a partir das leis patriarcais, que não foram dadas diretamente por Deus, mas engendradas na história humana.

Hermenêutica e Epistemologia da suspeita

Ivone Gebara ao discorrer sobre a Teologia feminista afirma que o século XX pode ser considerado como o século da suspeita feminina afirmando que o conceito de suspeita deve ser uma categoria interpretativa capaz de desconfiar de verdades e afirmações perpetuadas ao longo dos séculos que puseram a mulher em posição de desvantagem em relação ao homem e essa suspeita deve existir não somente na sociedade civil, antes deve-se examinar a história, a Bíblia e as hierarquias, e a divisão dos poderes nos ambientes eclesiais. Neste sentido, “as antropologias monoteístas sempre guardaram um fundo abstrato de igualdade e uma base histórica de desigualdade e de hierarquias entre grupos e pessoas.”²⁴ A religiosa postula que o próprio conceito de transcendência já coloca Deus em um patamar de superioridade e distanciamento em relação aos mortais que são sempre finitos e inferiores, enquanto o transcendente é sempre o Outro, o Perfeito e Acabado. Neste ponto, a desigualdade ontológica parece legitimar as desigualdades antropológicas dentro e fora das igrejas. Na mesma direção, vale dizer que

Na hermenêutica feminista, a suspeita é um ponto importante do método da desconstrução e reconstrução juntamente com a análise de gênero. Pensar a experiência a partir desse método é revisar a vida, ter novos horizontes, construir novas formas de vida. Essa revisão inclui a pergunta pelas causas da exclusão, da opressão, da violência²⁵.

Deifelt²⁶ defende também a utilização da hermenêutica da suspeita, dentre outros sentidos, para auxiliar na desconstrução, desconfiança e desmobilizações de esquemas

²² TOMITA, Luiza Etsuko. *A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos*. In *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. ISSN 2179-510X. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 17 de julho. 2014.

²³ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 27.

²⁴ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 34.

²⁵ PAIXÃO; EGGERT, 2011. p. 20.

²⁶ DEIFELT Wanda. et al. *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, RS: Sinodal: CEBÍ, 2004. P. 287.

patriarcais que colocaram as mulheres na invisibilidade no que diz respeito aos acontecimentos bíblicos. Por isso, torna-se premente identificar e resgatar a ação e o ocultamento das mulheres nos episódios bíblicos, posto que sua presença era sempre inevitável, embora nem sempre registrada pelos hagiógrafos varões.

É na hermenêutica da suspeita que serão analisadas as estruturas de poder que existem nos diversos âmbitos da sociedade. É nesse exercício hermenêutico de gênero que se pergunta pelas relações de poder presentes no texto ou no contexto; [...] A indagação pelo status do poder observa as categorias de classe, gênero, etnia, geração e com isso confronta o domínio do paradigma biológico de interpretação das relações e suas consequências para cada pessoa²⁷.

É a partir desta base hermenêutica e epistemológica da suspeita que é possível recorrer à imaginação criativa e aos devidos questionamentos para supor acontecimentos e inferir sobre possíveis realidades, atitudes e presenças das mulheres em determinados contextos dos episódios bíblicos que estariam ocultadas e minimizadas em sua importância nos registros escritos, mas que poderiam ter ocorrido no cotidiano pela evidência dos acontecimentos.

Considerações finais

Muitos passos já foram dados e algumas conquistas acumuladas no que diz respeito à emancipação feminina nos espaços eclesiais. Há mais de meio século algumas igrejas protestantes vêm exercendo seu pioneirismo admitindo mulheres no ministério ordenado. As faculdades de teologia não apenas acolhem mulheres leigas e religiosas para avançar em seus estudos, mas, sobretudo, no mundo inteiro contamos com a presença de numerosas mulheres que produzem ciência teológica, delineam métodos de análise e hermenêutica de textos sagrados, ao tempo em que assumem cátedras teológicas, escrevem e publicam suas pesquisas.

Ainda no ambiente católico permanece o antigo desafio de as mulheres serem aceitas ao sacramento da ordem, exercendo o ministério ordenado e embora muitos tenham criado expectativas em relação a mudanças neste item com a postura aparentemente tolerante e aberta do Papa Francisco, ainda não se vislumbram possibilidades e encaminhamentos palpáveis para esta realidade. Neste sentido, as pensadoras Ivone Gebara²⁸ e Rita Torti²⁹ se solidarizam no entendimento de que não basta o discurso de um pontífice apresentado Maria como modelo de mulher e de doçura, se na realidade as estruturas eclesiais continuam coniventes e nutrindo antropologias

²⁷ LIMA, Soelma Costa da Fonseca. *E maria vai com as outras: uma abordagem feminista sobre as mulheres na igreja*. (Dissertação de mestrado). São Leopoldo: EST, 2011. p. 22-23.

²⁸ GEBARA, Ivone. *Papa Francisco e a teologia da mulher: algumas inquietações*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/brasildefato/posts/574798395901462>> Acesso em: 17 jul. 2014.

²⁹ TORTI, 2014.

assimétricas que supervalorizam o varão e se omitem em denunciar as múltiplas formas de discriminação e violência às mulheres.

Referências

DEIFELT, Wanda et al. *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, RS: Sinodal: CEBI, 2004.

FERREIRA, Benedita Aguiar; MAGALHÃES NETO, José Vaz. Teologia feminista e os discursos de resistência ao poder hierárquico. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais: uma ekkesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever* • Ano 11 • No 01 • Jan/Jun 2011.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. *Papa Francisco e a teologia da mulher: algumas inquietações*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/brasildefato/posts/574798395901462>> Acesso em: 17 jul. 2014.

KROB, Daniéli Busanello. No meu corpo e no corpo de Cristo. Teologia feminista para uma vida digna dentro do lar. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, vol.1, 2012.

LIMA, Soelma costa da Fonseca. *E Maria vai com as outras: uma abordagem feminista sobre as mulheres na igreja*. (Dissertação de mestrado). São Leopoldo: EST, 2011.

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência de mulheres. In: EGGERT, Edla. (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

REIMER, Ivoni R. *Grava-me como selo sobre teu coração – Teologia Bíblica Feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RODRIGUES, Ana Lúvia Vieira. *Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica – (1978-2005)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2007. (Dissertação de mestrado).

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOUZA FILHO, Augusto Bello de. *A teologia feminista*. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>> Acesso em: 14 jul. 2014.

STEFFEN, Luciana. A teologia feminista desconstruindo as desigualdades de gênero ainda presentes. *Anais do Congresso estadual de Teologia*. São Leopoldo: EST, v.1, 2013.

TABORDA, Francisco. Feminismo e teologia feminista no primeiro mundo. *Perspectiva teológica*, 22 (1990).

TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. ISSN 2179-510X. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

TORTI, Rita. *Entre a teologia da mulher e a ideologia de gênero*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528327-entre-teologia-da-mulher-e-ideologia-de-genero-artigo-de-rita-torti>> Acesso em: 15 jul. 2014.

ZEKZANDER, Claudio. *Teologia feminista: um outro olhar sobre a religião*. Disponível em: <<http://zekzander.blogspot.com.br/2011/05/teologia-feminista-um-outro-olhar-sobre.html>> Acesso em: 13 jul. 2014.